

Há deficit de paramédicos na rede hospitalar do D.Federal

Há casas de saúde em Brasília que, com mais de uma centena e meia de leitos, só dispõem de duas enfermeiras e 9 auxiliares de enfermagem - face a um corpo clínico de cerca de 80 médicos - para processar o atendimento hospitalar. Outras, que se dedicam a atendimentos de urgência, contam com zero profissionais paramédicos para secundar seu trabalho, ainda que esse envolva pequenas cirurgias e procedimentos de emergência.

Esse é um dos fatores que contribuem, de perto, para a precariedade dos serviços hospitalares e a má assistência aos pacientes, situação reconhecida pela Coordenação de Assistência Médica do INPS, que já determinou prazos para que aquelas unidades, com as quais mantém convênios disponham de uma infra-estrutura de recursos humanos mínima, tendo em vista elevar a qualidade do atendimento.

OS PADRÕES

De acordo com a presidente da Associação Brasileira de Enfermagem, Seção DF, há padrões internacionais que definem a proporção ideal de pessoal paramédico em função de leitos hospitalares e de médicos, e que cada país, em conformidade com seu grau de desenvolvimento, se aproxima mais ou menos desses níveis. Assim, para cada leito deveriam existir 1,5 pessoal de enfermagem, dos quais 0,75 relativo a enfermeiros diplomados e 0,75 de categoria não - profissional, nessa faixa incluídos os auxiliares e técnicos de enfermagem, com curso de formação a nível de segundo grau. O atendente não está incluído nesse percentual, mesmo porque é uma figura - segundo ela - que, apesar dos inestimáveis serviços que presta, não está prevista na estrutura hospitalar, vista na sua condição genérica, de abstração.

Um outro padrão - todos eles propostos pela Organização Mundial de Saúde - é o que estipula o apoio de 4 a 6 enfermeiros por médico, quando no Brasil, se dá justamente o inverso, face à oferta de 8 médicos por enfermeiro de nível superior.

Ainda assim - segundo a presidente da ABEN/DF pode-se considerar que Brasília goza de uma situação privilegiada perante o resto do país, pois existe um equilíbrio entre o número de enfermeiras e auxiliares de enfermagem registrados no Conselho da classe e as projeções para 1980.

Atualmente há 472 enfermeiras inscritas no Conselho Regional de Enfermagem, 1.210 Auxiliares de Enfermagem e 407 Atendentes, para 4,5 e 14,5 profissionais de cada uma dessas categorias constantes das metas estabelecidas na Terceira Reunião Especial de Ministros de Saúde das Américas, para serem atingidas até 1980.

Em termos de Brasil, os números propostos estão muito aquém da realidade, pois de 56 mil enfermeiras previstas para entrarem em desempenho até aquela data, os estoques em formação indicam apenas 20 mil; e de 181 mil auxiliares de enfermagem, apenas 64 mil se formarão nesse meio tempo. Considerando que Brasília tenha uma população de um milhão de habitantes, temos - de acordo com a presidente da ABEN/DF - praticamente cinco enfermeiras para cada grupo de 10 mil, o que vai além das expectativas.

A despeito dessa vantagem, ela não deixa de mencionar que não há uma distribuição ideal desse pessoal, ou seja, as enfermeiras não estão, na sua maior parte, onde sua presença seja mais premente. Se há casas de saúde particulares tão desfalcadas, em contrapartida, há um

bom número dessas profissionais em Ministérios, onde, se sua atuação é sempre desejável, não existe aquela necessidade maior de uma unidade hospitalar.

Ingressam, aí, segundo o dr. Richilieu, de Andrade Filho, Coordenador de Assistência Médica do INPS, fatores de motivação representados pela remuneração e estabilidade que os órgãos públicos possam proporcionar à classe, em detrimento de ofertas mais reduzidas oferecidas por empresas particulares.

O ATENDIMENTO

Segundo uma queixa generalizada dos pacientes, a coisa mais rara de se ver, ao pé de um leito hospitalar, é uma enfermeira presente. E, por causa disso, a enfermeira não é vista como aquela silenciosa e prestativa figura de branco, caracterizada por uma alva touca, que medicava e confortava os doentes. Em seu lugar surgiram as auxiliares de enfermagem e, com muito maior frequência, os atendentes.

Conforme explica a presidente da ABEN/DF, apesar dos bons percentuais que Brasília acusa no tocante à relação enfermeira/leito hospitalar e médico, as deficiências ainda se fazem sentir, o que motiva a utilização da enfermeira no trabalho administrativo e, em consequência, no seu afastamento do doente.

Contudo, ela salienta que a sua presença, a da enfermeira, é requerida apenas em casos críticos ou em unidades de terapia intensiva. Para atender às demais necessidades de rotina ou das prescrições é perfeitamente suficiente a atuação da auxiliar de enfermagem e, também do técnico de enfermagem.

O técnico é uma figura nova nas estruturas hospitalares, que, segundo a entrevistada, preenche com perfeição as lacunas existentes entre o auxiliar e a enfermeira, de maneira a tornar mais completo e eficaz o atendimento ao paciente, embora cada um tenha, claramente definido, sua esfera de atuação.

Quanto ao atendente, expõe a presidente da Associação Brasileira de Enfermagem, essa foi uma das figuras extintas pelo DASP e, em seu lugar, surgirá, com o tempo, o Auxiliar de Serviços Médicos, mais preparado para o exercício da função. Não se pode deixar de reconhecer o concurso que o atendente oferece, em termos de atividades hospitalares, mas também não se pode deixar de reconhecer a crescente importância do aperfeiçoamento e da especialização.

AS DEFICIÊNCIAS

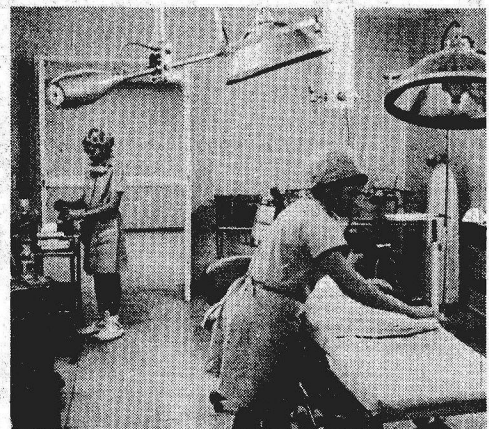
Assinala a presidente da ABEN/DF que não se pode medir as deficiências do atendimento médico - hospitalar apenas sob a ótica do paciente, pois, segundo ela, nesse julgamento influi uma série de fatores, a começar pela herança sócio - cultural da comunidade.

A isso acrescenta-se a escassez numérica de recursos humanos, possíveis falhas na sua formação e, o que é mais grave, a frequente utilização, por empresas privadas, de gente não habilitada, sob o rótulo de enfermeiras. Verifica-se, mais, o aumento discreto do número de vagas nas universidades e temos, então, um conjunto de itens que se responsabiliza pela ausência mais constante e frequente de uma enfermeira junto ao doente.

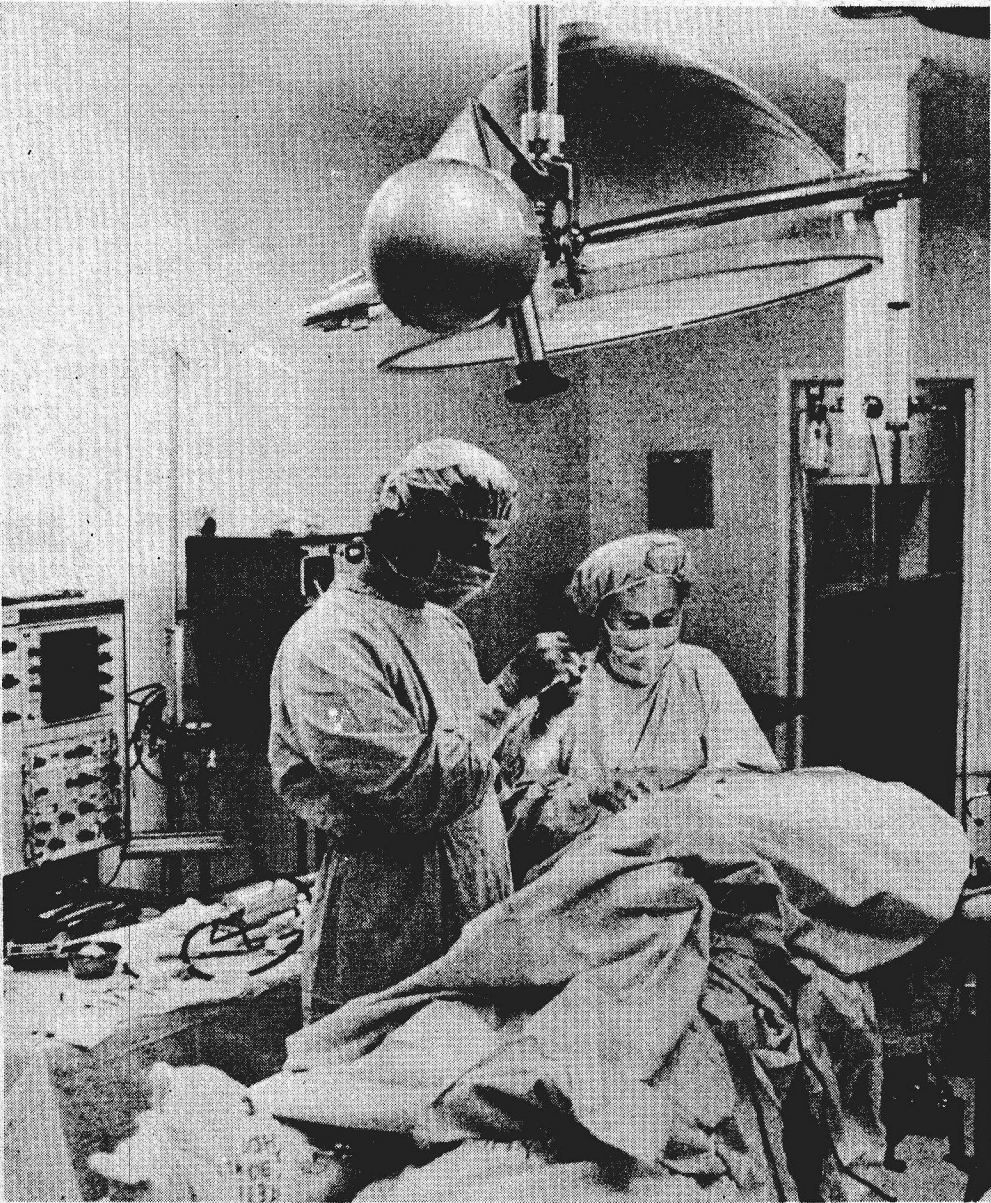
Porque, esteja certa - finaliza - de que vivemos "entre a angústia de servir e as premências que nos cercam".



A falta ou deficiência de pessoal paramédico em alguns hospitais é responsável pela precariedade do atendimento.



É alarmante a escassez de pessoal para subsidiar o trabalho médico em alguns hospitais de Brasília.



A falta de escolas de enfermagem e a economia dos dirigentes de hospitais têm privado o DF da indispensável assistência do pessoal paramédico